

ESTRUTURAS

Nelly Novaes Coelho

"... mesmo que, pela natureza de suas funções, o crítico fale da linguagem de outros, ao ponto de querer aparentemente (e por vezes abusivamente) concluí-la, tal como acontece com o escritor, êle não diz jamais a *última palavra*. Ainda mais: êsse mutismo final, que os identifica em suas condições, é o elemento que revela a verdadeira identidade do crítico: o crítico é um escritor. Está aí uma pretensão de *ser*, não de *valor*; o crítico não pede que se lhe conceda uma "visão" ou um "estilo", mas somente que lhe reconheça o direito a uma certa palavra, que é a palavra indireta".

Roland Barthes (1)

E sem ser evidentemente a "última palavra" a ser dita acêrca do romance de Graciliano Ramos, o crítico mineiro, Rui Mourão, acaba de nos oferecer a visão analítica mais completa que já se publicou acêrca das leis narrativas e do processo criador do romancista alagoano. Recente lançamento de Edições Tendência, de Belo Horizonte, *Estruturas* — Ensaio sôbre o romance graciliano — registra uma arguta percepção crítica que faz crescer em valor a obra graciliano, desvendando-a ao leitor como um "conjunto de extraordinária riqueza, em que as exigências da invenção caminham paralelas com a *complexidade de problemas* que levanta".

Ensaio resultante de um curso de Literatura Brasileira, ministrado pelo autor na Universidade de Brasília, em 62 (e elaborado em texto em 64, quando foi apresentado como Tese de Mestrado), *Estruturas* desenvolve um método analítico que vemos reivindicado pela mais recente linha do pensamento crítico: a que preconiza não mais o rígido enfoque do texto literário, como um objeto autônomo e desligado de suas "circunstâncias" (diretriz do "new criticism", da estilística, do formalismo...), mas sim o mergulho analítico na linguagem dêsse texto, considerando-a como a manifestação concreta de rea-

(1) Roland Barthes, *Essais Critiques*. Paris, Ed. du Seuil, 1964 (p. 9).

lidades abstratas, que, direta ou indiretamente, a condicionaram. (2).

Referimo-nos aqui ao estruturalismo, postura crítico-analítica que todos discutem, reivindicam ou atacam, mas que no setor da *crítica literária* ainda não foi elucidada totalmente, pois o que se tem visto é que, com raras exceções, a teorização está precedendo a aplicação real da análise às obras. Obviamente o caminho inverso do que seria lógico acontecer...

Inserindo-se, portanto, numa das correntes mais discutidas do pensamento atual, este ensaio crítico acêrca do romance graciliano representa, sem dúvida, um passo decisivo para uma possível formulação metodológica da análise estruturalista, aplicada à literatura.

Obra estimulante pelos problemas colocados ao longo da análise, e pela revisão crítica a que força o leitor, esta recente publicação apresenta múltiplos interesses. Oferece-nos:

1. uma breve revisão crítica dos métodos vigorantes na crítica brasileira em geral;
2. a visão analítica do romance de Graciliano, inicialmente enfocado como um *valor-em-si* (objeto estético que é), e depois como um *valor relativo*, inserido no processo cultural a que pertence;
3. a demonstração da análise estruturalista, aplicada ao exame do processo criador do romancista em foco, com o inteligente aproveitamento de todo um atualizado instrumental teórico, que serviu de alicerce à intuição criadora do crítico.

No capítulo inicial, "Pressupostos Metodológicos", Rui Mourão começa por afirmar que "a obra de Graciliano Ramos permanece em grande medida intocada diante de uma crítica que a si mesmo se limita, ao eleger ângulos de interesse comprometidamente parciais, quando não se mostra de todo insuficiente, por uma desatualizada imposição teórica". Para o leitor que conheça alguns dos muitos estudos interpretativos do romance graciliano, essa afirmação taxativa, logo no início

(2) Referimo-nos especialmente às posições adversárias representadas por Picar e Barthes. Cf. Raymond Picard, *Nouvelle critique* ou *nouvelle imposture*. Paris, J. J. Pauvert, 1965 Roland Barthes, *Critique et Verité*. Paris, Editions du Seuil, 1966.
Qu'est-ce que le structuralisme? (textos de Ducrot, Todorov, etc.). Paris, Editions du Seuil, 1968.

causará surpresa. Entretanto, com o prosseguimento da leitura, quando a posição do crítico mineiro se vai definindo, a severa revisão crítica ali registrada começa a ser compreendida em sua real dimensão.

“Numa bibliografia que se avoluma dia a dia”, diz Rui Mourão, “o autêntico *close reading* dos textos nunca foi tentado, o que explica o convencionalismo de uma interpretação que até agora tem-se mantido ao nível de simples exterioridades, apresentando a “abordagem estilística tímida dos eternos fazedores de tese”, ou o “estudo temático ingênuo — tão mais ingênuo quando mais desconhecimento da verdadeira fenomenologia da criação artística parece demonstrar, ou a exegese que experimenta repor em circulação o mais que extinto método biográfico — tendência grandemente estimulada depois que o ficcionista passou a escrever as suas memórias”.

Se por um lado não concordamos totalmente com algumas das apreciações revisionistas do crítico, expostas no decorrer do capítulo inicial, por outro, não lhe podemos negar a verdade global do panorama traçado (o que vem confirmar a impossibilidade de se dizer a “última palavra” de que fala Barthes...).

Assim, se examinarmos a deficiência da crítica atual, em sua objetividade concreta, inteiramente desligado das causas que a explicariam (embora não o anulem...), tal como o fez Rui Mourão, temos de convir que o quadro geral, sintetizado no trecho acima transcrito e na revisão bibliográfica que o segue no livro, é absolutamente correto. E mais, que as deficiências apontadas com relação aos estudos sobre Graciliano são, via de regra, as deficiências comuns à generalidade da crítica brasileira do momento.

Sem nos entendermos em problema tão complexo, pois aqui não é esse o nosso objetivo, abramos um parêntese em nosso comentário do livro em foco, para adicionarmos um dado importante ao lúcido e melancólico levantamento apresentado pelo nosso crítico; um quadro que ele não registra, obviamente por tratar-se de problema que o distanciaria do objetivo em mira. Trata-se do fato inegável de que esse “descompasso” da crítica nacional com as mais modernas perspectivas metodológicas não se deve (como pode parecer ao leitor desavisado) à displicência, comodidade ou à falta de qualidades da maioria dos que militam na crítica literária, mas sim a um fenômeno mais sério. Por outro lado, à crise que em todo o mundo atingiu e atinge a postura crítica tradicional, abalan-

do-a pela base: e por outro, à superação dos métodos de ensino vigorantes em nossas Faculdades de Letras, as instituições que, evidentemente, deveriam formar os elementos destinados à militância na crítica, desde que com a crise referida, aquela deixou de ser uma atividade meramente intuitiva e impressionista e passou a exigir objetividade, meramente intuitiva e impressionista e passou a exigir objetividade, métodos definitos de análise e a indispensável fundamentação teórica.

Nesta época de efervescência reformista nos círculos universitários, parece-nos importante ressaltar essa irreduzível inter-dependência que existe entre as diretrizes tomadas pela *crítica literária* e os *métodos de ensino* que alicarçam nossos cursos de letras. Forçoso é confessar que êstes, em sua grande maioria, ignorando (ou não conseguindo aplicar) as diretrizes de pesquisa apontadas pelas novas correntes surgidas em outros países mais avançados, continuam utilizando exclusivamente os métodos tradicionais (historicista, biográfico, temático...), os quais se ainda continuam válidos para a compreensão de determinados aspectos do fenômeno literário, não podem subsistir sôzinhos, sem a verdadeira abordagem estética que é propiciada pelo *close reading* isto é, pela análise minuciosa do texto, amparada por tôda uma fundamentação teórica atualizada.

Parece-nos regar essa inter-dependência (*métodos de ensino x crítica literária*) e também o fato de que da deficiência dos primeiros decorrem as fraquezas da segunda. Como suprir aquelas deficiências já é outro e muito sério problema que, no plano geral, ainda está por ser resolvido e que por enquanto só tem sido solucionado no plano restrito do esforço individual... E uma das provas dêsse fenômeno é-nos dada por publicações como a que ora nos ocupa. Sem dúvida, são livros como êste de Rui Mourão (como a seu tempo, o foram os criticados na introdução revisionista...) que, em meio à perplexidade reformista dos caminhos trilhados pela docência e pela crítica atual, surgem como animadores indícios de que, embora lentamente, a cultura universitária brasileira avança, e necessariamente acabará por reformular *na prática* (e não apenas no planejamento oficial teórico...), os nossos métodos de ensino e êstes por sua vez... etc... etc...

Fechemos o parênteses e voltemos ao tema inicial. Colocando-se, pois, dentro de uma atualíssima perspectiva crítica, Rui Mourão encara a obra literária como uma “estrutura objetiva, um ser com vida autônoma” e cuja abordagem analíti-

ca só tem sentido se partirmos de “um ponto de vista linguístico, estilístico e literário”. Contudo, equilibradamente, o crítico mineiro não perde de vista a inegável relatividade da obra literária e não chega ao extremo de certos formalistas que a consideram como um valor fechado em si, totalmente independente de suas relações com os “elementos da experiência humana e social que estão à base de sua realização”.

Tomando sempre, como ponto de partida para a análise, as múltiplas gradações do “fóco narrativo”, Rui Mourão vai desvendando as mais sutis conotações da intriga articulada pelo romancista, através dos vários elementos estruturais que a compõem: as personagens, o jôgo temporal, a sucessão dos “planos narrativos”, a utilização do “espaço”, os recursos de linguagem, etc. Note-se, especialmente, a argúcia com que é surpreendida pelo crítico a dialética dos planos narrativos (objetivos e subjetivos), que correm paralelamente ou se mesclam ou se fundem na estrutura global da obra.

Num verdadeiro corpo a corpo com o texto, Rui Mourão descobre a ossatura estilística de cada romance; desvenda os vários níveis de significação de cada estrutura narrativa, não apenas no sentido de detectá-las dentro do romance e descrevelhes o funcionamento, mas sobretudo no de compreender em que medida elas se relacionam com o contexto, isto é, em que medida são elas condicionadas pela essência daquilo de que são portadoras.

Depois da análise isolada de *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*, numa abordagem crítica desenvolvida em termos rigorosamente estéticos (isto é, tomando a obra literária como um valor absoluto), um último capítulo, “Estruturas e Contexto”, reduz os romances à sua inegável dimensão relativa no espaço e no tempo; quando postos em face do panorama sócio-econômico-político da época em que foram criados. E é nesse momento que a visão crítica se completa e a obra graciliana aparece claramente como a manifestação estética concreta das realidades éticas ou ideológicas que a condicionaram.

Partindo, pois, da visão fenomenológica do romance graciliano, Rui Mourão num primeiro momento encara-o como o objeto concreto autônomo e absoluto que êle é realmente, como produto acabado e liberto do autor ou da época. Deixa falar o texto, “até que seus vários níveis de significação sejam desvendado. “A partir desse momento o esforço de interpretação se orienta no sentido da descoberta da *unidade da estru-*

tura de significados, através do levantamento tanto mais completo quanto possível dos diversos extratos, para que se chegue ao amplo descortínio da fisionomia íntima do fenómeno vivo”.

Nesse momento, em que a crítica formalista ortodoxa consideraria terminada a sua tarefa, Rui Mourão prossegue em sua análise, no sentido de atingir os planos mais amplos e gerais, em que o produto estético deixa de ser, para o intérprete, uma *realidade absoluta*, ganhando a *dimensão relativa*, que corresponde à própria maneira de se inserir no processo geral da cultura”.

Como o próprio crítica lembra no capítulo introdutório, “diante de um trabalho de exegese todos são convocados para uma perspectiva única da obra”, aquela evidentemente que o crítico escolheu para ponto de apoio de sua análise. O que não impede, porém, dada à multiplicidade de facetas e valores de toda obra artística, que “outra exegese convoque todos para outra perspectiva de visada da mesma obra”. É evidente, portanto, que com uma única análise, por mais ampla, profunda e arguta que seja, nenhum crítico pode esgotar todas virtualidades latentes em uma obra.

Assim, embora esta nova abordagem do romance de Graciliano amplie sobremaneira a significação estética, humana e sociológica do seu universo de ficção, fica claro, principalmente devido aos problemas propostos pelo método utilizado, que muitas outras perspectivas poderão ser descobertas.

Por sua maneira de focalizar os elementos constitutivos da estrutura romanesca, Rui Mourão altera totalmente a perspectiva crítica que, via de regra, vinha sendo aplicada pela crítica aos romances regionalistas (perspectiva característica da tradicional crítica sociológica). Com esta nova abordagem que há tempos já vem sendo exigida, o crítico mineiro preocupa-se em mostrar, não mais *qual é a* problemática regionalista (ou sociológica) expressa na obra de Graciliano, mas sim *quais as relações* daquela *problemática* com as *estruturas estéticas* da obra, ou melhor, que tipos de estruturas romanescas foram por ela condicionados.

E através dêsse novo enfoque, *Estruturas* revela de maneira inequívoca que “sem atacar a pintura dos grandes painéis e elegendo os seus personagens entre as pessoas comuns das diferentes categorias da sociedade, o autor de *Angústia* soube manter aquela profundidade de visão em que os gestos individuais se confundem com os coletivos e o drama de um homem

vem se colocar na confluência das vicissitudes do destino de um povo”.

Colocando-se, pois, na perspectiva estruturalista e sem cair na estéril teorização que, via de regra, a tem a obra literária com um simples epifenômeno das ciências sociais, não se nega a aceitar ,como essenciais e atuantes, os elementos sociais, que, diretamente ou indiretamente a motivaram.